

Segmento: PUCRS

31/07/2020 | Diário de Canoas | Opinião | 22

A 1ª lição do vocalista do AC/DC

A cada dia, a qualquer hora, estamos sujeitos a aprender, o que é fantástico. Traz possibilidades, boas surpresas. Ou, às vezes, nem tão boas. O mais importante é que nenhuma situação será totalmente negativa na vida desde que, pelo menos, se aprenda algo com ela. É uma das minhas crenças. Claro, há também a teimosia de, mesmo aprendendo, não praticarmos. O contexto desta história: final dos anos 70, primeiro dia da disciplina de Língua Portuguesa do curso de Relações Públicas na PUC, acho que era o segundo semestre, na famosa Famecos, e um professor pra lá de diferenciado, uma figuraça irreverente, de humor ácido. Ele se posta à frente, semi-sentado na sua mesa, no melhor estilo Brian Johnson, o vocalista do AC/DC, de boné e casaco de couro, e começa a falar sobre a matéria, as avaliações, aquela coisa toda que acontece no primeiro dia de aula, para o pessoal se situar.

Se situar era algo muito necessário na Famecos dos anos 70, acreditem. Lá pelas tantas, ele começa a preparar a pérola que viria logo adiante: ao dizer que fazia parte da comissão de professores que corrigia as provas de redação dos vestibulares, começou a nos falar das barbaridades que lia a cada processo seletivo. Contou que grande parte dos erros tinham uma origem: a tentativa de apropriação, por parte dos candidatos, de um vocabulário do qual não tinham domínio, que não era do seu dia a dia. Era uso de expressões sem sentido, construção de frases totalmente sem nexo por conta de uma ou duas palavras “de domingo” que o pessoal tentava encaixar para fazer o texto ficar mais interessante, erudito e, assim, ganhar pontos na avaliação e por aí vai. Não poucas vezes, ainda havia a grafia errada dessas palavras que não eram familiares. Aí, fiel ao seu estilo que, ao ensinar também divertia, ele saiu com essa: Amiguinhos, por conta disso que falei para vocês, darei um conselho: Não exponham sua ignorância! Lembrando que isso foi lá em 1970. O que ele quis dizer? Que devemos ter cautela, calma e noção do que fazemos. Que, se vamos abordar algo em momentos importantes, é necessário sabermos do que estamos falando, dominar o assunto. Nunca esqueci.

Minto: esqueci várias vezes na minha vida. Quantas vezes dei opiniões sobre assuntos que não conhecia por me achar obrigado a saber de tudo? Quantas vezes errei por me precipitar? Quantas respostas ridículas já dei por não querer ficar calado, assumindo o meu desconhecimento de algum tema? Quantas vezes expus a minha ignorância por simples medo de demonstrá-la? Algumas. Várias. Muitas. Mas ok, sem “chicotes”. Acontece, é da vida. O bom é que, normalmente, consigo lembrar dessa história e ela me freia de cometer algumas imprudências ou de “me meter de pato a ganso”. Normalmente. Nem sempre. Agora parece que esqueci outra vez, quando fui convidado a escrever para o Diário de Canoas. Mas prometo tentar ser discreto em relação à minha ignorância, para que os nossos leitores não tenham que ser submetidos a momentos terríveis. Estou muito feliz pelo convite e por me permitir fazer algo que eu gosto, e muito agradecido a todos os amigos que sempre me incentivaram a escrever. Obrigada e até a próxima!

31/07/2020 | Jornal do Comércio | Viver | 1

Perspectivas atuais na fotografia

Danilo Christidis e Vherá Poty permutam conhecimentos entre a cidade e a floresta, para fotografar comunidades Mbyá Guarani nos caminhos do Sul. Excursões ao campo levam Diogo Zanatta a registrar estrelas no Norte do Estado.

Nativa digital, Francine Tobin utiliza objetos translúcidos reais e produz efeitos imaginários. Para produzir os seus, Fernando Bueno utiliza filmes vencidos e assim busca manter a fotografia viva.

De outra parte, Jacqueline Joner assume ter abandonado a fotografia, crendo que o ser humano falhou, e agora se dedica à botânica. Enquanto isso, Leo Caobelli dedica-se a recuperar HDs em lixos eletrônicos para construir narrativas a partir das imagens salvas.

O veterano Luiz Carlos Felizardo também tem se aventurado em composições que só são possíveis no mundo digital, depois que

precisou deixar seu laboratório preto e branco após 40 anos. Aproveitando a possibilidade de cliques quase infinitos, Tiago Coelho não precisa mais trocar o filme e segue interagindo intensamente com as pessoas que retrata. Essa interação, e o pertencimento, levam Vic Macedo a criar um futuro utópico imagético para os jovens afrx-brasileirxs.

Tais práticas representam as de inúmeros fotógrafos que atuam no Rio Grande do Sul. Alguns mais nitidamente voltados à arte, outros investindo em documentar o seu tempo - se é que é possível fazer tal distinção. Em um contexto de revolução digital, os modos como nos vemos e nos representamos multiplicaram-se.

Essas questões refletem-se em um dos mais importantes eventos de fotografia no Estado, o FestFoto. Para a edição de 2020, lançou-se o título: Emergências do Sul Global. Com isso, a organização do festival procurou trazer para o debate uma "região sem limites geográficos precisos marcada pelo compartilhamento de uma condição da emergência de possibilidades". Com o evento presencial adiado em função da pandemia, a programação teve no final de junho leitura de portfólios via internet, com a participação de 25 autores.

Essa relação geográfica é relevante desde os primeiros momentos da fotografia gaúcha. O professor de história da arte e pesquisador de história da fotografia do Departamento de Artes Visuais da Ufrgs, Alexandre Santos, observa que "a fotografia vai ser instrumento para gerar identificações culturais de todo tipo". Desde os viajantes europeus que adentraram a região no século XIX pelo Porto de Rio Grande, passando pelo estabelecimento de estúdios que produziam retratos e vistas urbanas.

Após mais de um século, o Rio Grande do Sul tem uma imagem construída de si, relacionada à sua paisagem natural e sua constituição étnica. Santos ressalta que muito foi produzido em torno da ideia de patrimônio histórico-cultural, consolidando um viés imaginário ligado à beleza e às especificidades da região. "Mas esta visão não está presente em grupos que hoje trabalham com a fotografia ligada às artes", salienta. Contudo, recupera a máxima de que "toda a fotografia ajuda a criar imaginários".

Entendendo que as questões do imaginário regional e do fazer fotográfico estão longe de unanimidades, buscou-se nesta reportagem compor um caleidoscópio de perspectivas. Entrevistamos fotógrafos de diferentes gerações.

Com isso, foi possível contar histórias de práticas que se revolucionaram e objetos de interesse que se ampliaram. Também foi possível perceber tendências atuais, como as reflexões deslocadas sobre territórios, as abordagens relacionais com as comunidades fotografadas, releituras de arquivos, experimentações entre elementos físicos e digitais e organização de coletivos.

31/07/2020 | **Jornal do Comércio** | Viver | 4

Vertentes documentais e artísticas na história da fotografia gaúcha

Estabelecer um marco zero da fotografia no Rio Grande do Sul é tarefa difícil. Pouco tempo depois de patenteada em Paris em meados do século XIX, vários fotógrafos circularam por aqui. O professor da Ufrgs Alexandre Santos observa que boa parte veio e foi embora. Posteriormente, alguns europeus inauguraram estúdios em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, a exemplo de Luiz Terragno, um dos pioneiros.

Havia um processo de propagação da fotografia no mundo, que se tornou mais viável com o advento dos negativos em vidro e em película. Com isso, estabeleceram-se aqui outros estrangeiros, a exemplo do espanhol João Antônio Iglesias, o alemão Otto Schönwald, e, posteriormente, os italianos Virgílio Calegari e os irmãos Ferrari.

Seguindo a linha do tempo, Santos pontua na virada do século XIX pro XX o começo de uma coqueluche mundial, o fotoclubismo. Eram amadores que registravam aspectos pitorescos da paisagem e das pessoas, uma onda que provavelmente se estendeu por todo o Estado. Lunara foi o fotoclubista mais notável, do Sploro Photo Club. A fotografia começava a ser valorizada como arte.

"Havia preocupação de uma fotografia próxima da pintura em alguns estúdios", destaca Santos. Vieram as vanguardas, e com elas a straight photography, a partir dos Estados Unidos.

Na história recente, o professor observa que há pelo menos duas vertentes: a dos herdeiros de uma fotografia tecnicamente bem-acabada e a dos artistas que trabalham com a linguagem fotográfica. Dessa última, destaca nos anos 1970 o grupo Nervo

Óptico, com Vera Chaves Barcellos, Carlos Pasquetti, Mara Alvares, Telmo Lanes, Clóvis Dariano, entre outros.

"Desenvolveram trabalhos críticos, seguindo uma tendência de arte conceitual e trabalharam a fotografia como linguagem a ser explorada", pontua.

A outra vertente, mais ligada ao documental, tem Luiz Carlos Felizardo e Leopoldo Plentz como ícones. Seu foco é a fotografia tecnicamente impecável, muito próxima da straight photography. "Registraram aspectos do cotidiano mas com caráter artístico profundo", assinala Santos.

Equipamentos analógicos e fotojornalismo

Uma das vertentes documentais, a fotografia jornalística nos anos 1970 estava ligada à lente teleobjetiva. Ou seja, fotografava-se de longe. Mas iniciativas como a do coletivo Ponto de Vista começaram a mudar este paradigma, pois acreditavam que era preciso chegar perto e conversar. Então adotaram a lente grande angular. Dessa forma, viajaram por todo o Estado, buscando mostrar o agricultor como jamais havia sido visto. O grupo surgiu no Coojornal e publicou os primeiros livros de fotojornalismo no Rio Grande do Sul. Entre seus integrantes, estavam Jacqueline e Genaro Joner, Eneida Serrano, Luiz Abreu, Raul Sanvicente, Humberto Andreatta e André Pereira.

Jacqueline Joner (67 anos), nasceu em Santa Rosa e foi professora universitária, participando assim da formação de toda uma geração. Procurou manter uma relação vital com os alunos, que tiveram mais acesso ao conhecimento em comparação à sua geração. Mas observa que "se o fotógrafo não tiver olhar próprio, não vai adiantar todo esse conhecimento".

O retrato é sua especialidade, que exerceu nos anos 1980 no Diário do Sul, influenciando o fotojornalismo na época. Outra característica do trabalho de Jacqueline é isolar objetos de interesse em fundos neutros, a exemplo da série Retratos de casamento (2000), com casais de diversos locais.

Recentemente, passou a registrar flores em fundo infinito. Sua justificativa é de que "uma flor nunca está no melhor lugar para ser retratada". Ela começou há seis anos essa série, com o celular, aprimorou a técnica, vem publicando no Instagram os resultados, mas não revela como trabalha. No entanto, não acredita estar fazendo fotografia, mas se dedicando à arte botânica. "A fotografia acabou, era outro equipamento, outro processo", enfatiza.

Fernando Bueno (65 anos) compartilha de visão semelhante. "Por exigência de mercado, hoje fotografo até com celular, mas o digital não é fotografia, é outra linguagem", diz. Sua crítica também recai sobre trabalhos com muita justificativa: "Não é fotografia, tinha que inventar outro nome pra isso. A fotografia fala por si só".

Com essa convicção, utiliza uma variedade de câmeras analógicas, das mais simples, como Holga e Horizon, às mais sofisticadas, de grande e médio formato. Em uma de suas produções, chamada Memórias vencidas, exposta na Bienal de Bogotá em 2019, utilizou filmes guardados por 10 anos na geladeira, para produzir efeitos imprevistos.

Comentando as transformações no mercado, Bueno relembra quando foi contratado em 1978 pelo The Image Bank, atual Getty Images. Certa vez, vendeu uma foto que rodou o mundo, o que lhe rendeu em direitos autorais o suficiente para levar sua família de férias para os Estados Unidos durante um mês. Hoje, observa que o rendimento é de centavos, pois a tecnologia permitiu a proliferação dos bancos de imagens, boa parte deles gratuitos.

Ele integra, desde 2001, o grupo que organiza o Canela Foto Workshops, o mais longo festival do Brasil. Mesmo com a pandemia e a perda de patrocínio, a movimentação em torno da fotografia seguiu em 2020 na cidade serrana, com exposições ao ar livre.

Já no Norte do Estado, em Passo Fundo, o Grupo da Foto é uma iniciativa que reúne desde 2010 amadores e profissionais para pensar a cidade com olhar fotográfico. Um dos integrantes, Diogo Zanatta (38 anos) observa que a região sempre teve bons fotógrafos, a exemplo do estúdio Foto Moderna, da família Czamanski.

Seu desejo é entrar para o rol dos que se dedicaram a documentar a história de sua cidade. Começou fotografando para publicidade, passou ao fotojornalismo e a convivência com o Grupo da Foto estimulou-o a focar sua Nikon D750 em trabalhos autorais. Um deles é a fotografia de estrelas e meteoros, que pesquisa há cinco anos.

Zanatta procura dialogar com os colegas da sua região. Uma de suas referências é Tadeu Vilani, de Santo Ângelo. Ao mesmo tempo, nas redes digitais, mantém interlocução com pares de outros lugares do mundo.

O contato virtual gerou recentemente o coletivo Pixel Ladies, formado na pandemia por mulheres gaúchas que residem em diferentes países. Para amparar seus trabalhos autorais neste período, elas criaram uma campanha de financiamento coletivo na plataforma Catarse.

Francine Tobin (25 anos), que vive em Eldorado do Sul, é uma delas, ao lado de Suzana Pires, Denise Dietrich, Malu Baumgarten, Julia Pilati, Gabriela Radde e Ritiele Brasil. A prática profissional de Francine está calcada em ensaios e eventos sociais. No fim do ano, irá formar-se na universidade, onde voltou sua câmera Canon EOS Rebel T5I para o campo artístico. "Na fotografia autoral é onde mais se tem liberdade", afirma.

A jovem já fez experiências com câmera analógica, mas sempre usou a digital: "Gosto de fazer efeitos manuais na hora do clique, inserindo pedras translúcidas, vidros ou tecidos nas bordas da lente, criando um clima mais onírico".

Tecnologia digital

Para Leo Caobelli (40 anos) as fotos não falam por si: "Não que precise explicá-las, mas a arte contemporânea vem acompanhada de reflexão sobre o processo artístico e entra em um nível alto de apreciação". Entre a arte e o documental, acredita que produz em um entrecampo.

Hoje, recupera HDs descartados em lixões eletrônicos para coletar imagens e construir narrativas. Conta com o apoio de um amigo que garimpa nos galpões da Nigéria: "As imagens recuperadas lá nunca são de negros. São sempre alemães, chineses, americanos, que exportaram seu lixo para o país".

Leo Caobelli é natural de Pelotas e estudou na Fábrica, fundada por Oliviero Toscani na Itália. Trabalhou como fotógrafo e difere a fotografia útil, feita para os outros, e a fotografia autoral, feita para si. "A minha fotografia é a do contexto. Não é a fotografia síntese, ícone, não é fácil de colocar à venda na galeria", conclui.

Há 12 anos, enquanto trabalhava na Folha de S.Paulo, fundou com Paulo Fehlauer e Rodrigo Marcondes a agência Garapa, dedicada à produção multimídia, com os primeiros recursos digitais. Os coletivos pautaram a organização do seu trabalho. Hoje, faz parte da Planta Baja, em Porto Alegre, ao lado de Cristiano SantAnna, Giordano Toldo, Marcelo Armesto e Vicente Caruchinsk.

Observando a história local, Caobelli ressalta grandes fotógrafos que se dedicaram ao tema do Pampa, formando uma estética da fotografia no Estado: "Depois, chega uma leva que coloca esta imagem cristalizada em xeque". Para ele, as novas gerações tendem a deixar de lado o gaúcho como ícone. Cita Lorenzo Beust, que fotografa São Gabriel, e Ricardo Ara, que fotografa Garibaldi, ambos buscando um olhar regional "sem devoção, nem cuspir na tradição, mas encontrando outras imagens".

Fotografar o seu entorno e ter uma autorrepresentação ligada à ideia de América Latina é o que conduz Tiago Coelho (34 anos), sócio da Galeria Mascate e professor na Unisinos. "Temos uma fotografia muito baseada naquela feita pelos colonizadores sobre nós", observa.

Por isso, procura evitar a prática do viajante que fotografa com um olhar peculiar. "Busco fotografar um microuniverso, mas representando um macrouniverso. Posso estar falando de alguém próximo, mas também de toda uma parcela da sociedade brasileira, ou do Rio Grande do Sul", conclui.

No início, Coelho usava filme preto e branco, e lembra de afirmar que jamais abandonaria o analógico, pois as primeiras câmeras digitais tinham qualidade inferior. Mas logo descobriu novos equipamentos e acabou migrando.

Aos 19 anos, teve uma imagem adquirida pela coleção Pirelli Masp. Formou-se em Cinema e sempre investiu na fotografia documental. Seus trabalhos transitam por uma variedade de temas sociais, incluindo ecológicos e LGBTQI.

Sua especialidade são os retratos, em que fica tão à vontade com as pessoas, que produz uma aparente espontaneidade. Atualmente,

Coelho desenvolve "esculturas fotográficas", as quais imprime em tecido e molda em seu próprio corpo: "É um método para desenhar as emoções".

A abordagem relacional move o trabalho realizado pelo cidadão Danilo Christidis (36 anos) e o indígena Vherá Poty (32 anos). Durante sete anos, conviveram com comunidades da etnia Mbyá Guarani em toda região sul do Brasil, aprenderam e fotografaram juntos.

Em 2015, lançaram o primeiro livro fotográfico na história do país realizado em coautoria indígena. Até chegar a conhecer o colega Poty, Christidis fez seu primeiro trabalho nos Andes, em 2005, percebendo a diversidade geográfica e cultural: "No Sul, temos uma imagem muito branqueada da população destes territórios".

Na volta, procurou a galeria da Casa de Cultura Mario Quintana para expor e conheceu Sérgio Sakakibara e Amauri Fausto. Fez cursos, utilizou o laboratório público e levou sua Canon Ae1 outras vezes ao Peru.

Depois, aproximou-se dos Mbyá Guarani, povo que está aqui há pelo menos cinco mil anos. Conviver com os índios foi essencial: "Há formas de narrar a vida na fala deles que a nossa linguagem não alcança".

Enquanto Poty entendeu a técnica da fotografia muito rápido, Christidis revela que demorou a compreender os entendimentos dos indígenas sobre o belo, pois suas definições não são categóricas, mas carregadas de subjetividades. "Quando cheguei, Vherá Poty me disse que teria que aprender a ver as coisas", relata.

O olhar do fotógrafo

Fosse com a câmera Leica M a tiracolo ou com a Toyo Field, posicionada em um tripé, Luiz Carlos Felizardo percorreu o Estado, gravando filmes Kodak Tri-X e Ilford HP5. Aos 71 anos, suas imagens compõem parte do nosso imaginário.

Mesmo quando maior parte dos profissionais já havia migrado para o digital, Felizardo seguiu com a fotografia analógica, até que em 2018, o surgimento de uma ataxia lhe impôs dificuldades motoras, e precisou abandonar o laboratório tradicional. Então lançou-se a explorar a tecnologia digital na série A estranha xícara.

Sua trajetória de mais de 40 anos de trabalho é contada em um documentário que o Margs acaba de lançar, dirigido por Gilberto Perin e Emerson Souza. O curta Luiz Carlos Felizardo, um fotógrafo na estrada está disponível no canal de YouTube do museu.

JC - Viver: Em relação ao mercado, a fotografia no Rio Grande do Sul possui boas possibilidades?

Luiz Carlos Felizardo - O mercado de trabalho para artistas no Estado é muito difícil, principalmente para a fotografia, em todos os seus segmentos. Para o fine arts, principalmente, o Brasil ainda está muitos anos atrás de outros países europeus e dos Estados Unidos. O eixo Rio-São Paulo sempre oferece mais possibilidades. Aqui são poucas as galerias que trabalham efetivamente com fotografia e o mercado não valoriza adequadamente. Quanto às novas gerações, temos excelentes jovens fotógrafos que vêm conseguindo mostrar seu trabalho não somente aqui, mas em outras cidades e países, graças aos festivais, editais, etc. Porém, esses, com nosso atual governo, estão sendo desmantelados, assim como as publicações especializadas.

Viver - Acredita que o "olhar do fotógrafo" nunca se perde?

Felizardo - O olhar do fotógrafo depende de uma série de coisas que rodeiam toda a nossa vida, que são os nossos prazeres, notadamente a música, a literatura, o cinema. E delimitam o que se possa considerar como qualidade. Através deles que o olhar do fotógrafo se forma e atinge, depois de certo tempo, a maturidade. Eu acho que não há modificações ao final da vida, acho que o olhar do fotógrafo continua sendo, num certo sentido, um olhar diferenciado.

A identidade da fotógrafa

A porto-alegrense Vic Macedo (25 anos) começou a fotografar em 2014, formou-se em Fotografia e foi premiada com a residência artística do FestFoto. A partir desse momento, expôs em diversos espaços de arte na Capital. Neste mês, foi selecionada para o Salão Anapolino, um dos mais importantes do País. Com sua Canon T5i em punho, dedica-se à afirmação da identidade dxs jovens

afro-brasileirxs. Sua estética, por mais que utilize equipamento e tratamento digitais, remete ao preto e branco analógico.

JC - Viver: Qual foi a inspiração para a série Todas as mulheres do mundo?

Vic Macedo - Minha inspiração foi o Afrofuturismo, que mistura elementos da ficção científica, arte e fantasia, e diversas fontes além da fotografia, como o cinema. Identifiquei-me muito com o filme Space is the place, de Sun Ra, onde ele argumenta que a luta por justiça racial é exaustiva e que negros teriam uma melhor qualidade de vida se criassem sua própria sociedade antirracista. Trouxe esse contexto para a minha própria realidade como mulher negra no Brasil. Vejo que a luta antirracista aqui é uma luta pelo básico: como o direito de caminhar na rua com um guarda-chuva ou ir à escola sem ser baleado pela polícia. Por isso, pensei em criar, mesmo que seja no campo da ilusão, uma sociedade preparada para acolher pessoas negras sem precisarmos pensar e lidar com todas essas questões no dia a dia.

Viver - Essa postura se aplica sempre na tua atuação como fotógrafa?

Vic - Com certeza. Tenho dever de usar a imagem para subverter a forma como o negro vê a si mesmo. Não me sentiria bem se fotografasse qualquer outro assunto banal, deixando essas questões de lado, como se a arte negra já estivesse bem representada. Meus projetos também são uma forma de me manter sempre estudando a história das lutas raciais, da formação do Brasil - essa parte da história que não é mencionada nas escolas. A melhor parte é quando alguém vê meu trabalho e diz que se interessou por aquele assunto e foi se informar mais. O meu maior objetivo como fotógrafa é esse.

* João Vicente Ribas é jornalista, doutor em Comunicação pela Pucrs e professor na Universidade de Passo Fundo.

31/07/2020 | Zero Hora | Capa | 1

Por imposto digital, governo acena com alívio no IR e na folha; Maia é contra

Páginas 12 e 14

31/07/2020 | Zero Hora | Capa | 1

PIB nos EUA cai 33%, e Trump propõe adiamento da eleição

Páginas 15 e 17

31/07/2020 | Zero Hora | Notícias | 12

Contrapartidas para suavizar nova CPMF

Após encaminhar a primeira parte da reforma tributária ao Congresso, na semana passada, o governo Jair Bolsonaro esboça novas medidas a serem apresentadas. Possibilidades já aventadas no passado, a criação de imposto sobre transações financeiras, a desoneração da folha de pagamento e mudanças na configuração do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) ganharam aval do Ministério da Economia.

O ministério chefiado por Paulo Guedes estuda propor desoneração de até 25% da folha de pagamento das empresas para todas as faixas salariais. A proposta amplia a ideia mencionada anteriormente, que previa corte de impostos apenas para rendimentos equivalentes a até um salário mínimo.

O corte de tributos pagos pelas empresas à União sobre os salários é objetivo antigo de Guedes, que vê na medida sobre a folha uma arma de destruição de empregos. Com isso, o ministro espera conter o desemprego ao reduzir o custo de contratação. Para abrir mão dessa receita, a equipe econômica considera que será necessária a criação de novo imposto, a ser aplicado sobre pagamentos. Os técnicos fazem as contas com uma alíquota mínima de 0,2%.

O movimento é alvo de críticas entre o empresariado, que rechaça a ideia de um tributo semelhante à antiga Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), e enfrenta a oposição do presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM).

Em entrevista à Rádio Gaúcha, ontem, o assessor especial do Ministério da Economia, Guilherme Afif Domingos, argumentou que taxar movimentações financeiras permitiria ao governo federal arrecadar R\$ 120 bilhões por ano. A ideia seria contemplar principalmente operações digitais.

Participando de evento ontem, em Brasília, Maia criticou a possibilidade de criação de imposto similar à CPMF e manifestou que votaria contra a proposta e tentaria influenciar outros parlamentares a também rejeitarem a ideia.

Críticas

Entre as entidades empresariais do Rio Grande do Sul, a menção à "nova CPMF" gera arrepios. O presidente da Federação do Comércio de Bens e Serviços do Estado (Fecomércio-RS), Luiz Carlos Bohn, afirma estranhar as discussões sobre o tema.

- A impressão que tenho é que o Paulo Guedes é tentado por esse imposto, que é horrível pelo efeito cascata, pegando do setor produtivo à população em geral - aponta Bohn.

A diminuição de impostos sobre a folha de pagamento seria bem-vinda e poderia estimular a geração de postos de trabalho, segundo a presidente da Federação de Entidades Empresariais do Estado (Federasul), Simone Leite. No entanto, a dirigente vê a taxação das transações financeiras como maneira de "tirar dinheiro de empresários e trabalhadores".

- Podem chamar esse imposto do jeito que quiserem que somos completamente contrários. Esse processo de mandar a reforma em partes (ao Congresso) confunde e pode acabar tornando-a uma colcha de retalhos - avalia Simone.

Apoiador do projeto inicial encaminhado ao Congresso, o presidente da Federação das Indústrias do Estado (Fiergs), Gilberto Petry, também critica o tributo sobre movimentações financeiras.

- A indústria entende que seria interessante tornar a folha de pagamento mais simples, mas, se for para tributar na outra ponta, somos contra - garante Petry.

Economista e pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Juliana Damasceno avalia que a arrecadação prevista pelo governo com a nova contribuição é superestimada e considera preocupante estar atrelada à concessão de benefícios fiscais. Ela recorda que a política de desoneração da folha de pagamento, quando utilizada no governo Dilma Rousseff (PT), se mostrou pouco efetiva para gerar empregos.

- Instituir nova contribuição para compensar a redução da folha e outros pontos é preocupante do ponto de vista fiscal. É como se estivéssemos aumentando a carga para tentar resolver nossos problemas - aponta, analisando que a retomada dessa discussão poderá prejudicar a tramitação da etapa da reforma enviada ao Congresso.

Mudanças na tabela do IRPF são necessárias, na avaliação do professor da Escola de Negócios da PUCRS Gustavo Inácio de Moraes. O economista lembra que a faixa de isenção está mais de 100% defasada e deveria chegar a R\$ 4,2 mil, se fosse corrigida pela inflação acumulada desde 1996:

- Com a correção da tabela, mais da metade dos trabalhadores ficariam isentos do Imposto de Renda na fonte, mas isso teria impacto importante no caixa do governo em momento em que ele precisa financiar medidas anticíclicas.

31/07/2020 | Zero Hora | Marta Sfredo | 15

PIB assustador

O tombo de 32,9% no PIB anualizado dos Estados Unidos no segundo trimestre assustou os brasileiros. É o que nos espera em 1º de setembro, quando o IBGE anunciar o resultado no Brasil? Não.

As projeções máximas de queda para o segundo trimestre no Brasil estão em torno de 15%, mas a média é de 10%. Os EUA usam cálculo anualizado, ou seja, como o PIB se comportaria caso se estendesse por quatro trimestres. No Brasil, há comparação entre o resultado ao trimestre anterior e a igual intervalo do ano anterior. Ely José de Mattos, economista, professor da Escola de Negócios da PUCRS, avalia:

- Os EUA têm grande inserção global. Em muitos Estados houve lockdown. Outra questão é o desemprego, que nos EUA chegou a níveis piores do que os da crise de 1929. Isso concentra a queda. Lá, o próximo período não deve ser tão ruim. Aqui, devemos ter um trimestre menos pior, mas mais trimestres negativos.

Petrobras tem prejuízo de R\$ 2,7 bi

A Petrobras teve prejuízo de R\$ 2,7 bilhões no segundo trimestre. Houve até melhora em relação ao primeiro trimestre, quando a perda havia sido de R\$ 48,5 bilhões.

Ajudou um ganho com a exclusão do ICMS da base de cálculo do PIS/Cofins com efeito de R\$ 10,9 bilhões no resultado. Conforme a empresa, sem isso "teria sido pior devido aos impactos da covid-19 em nossas operações, com reflexo nos preços, margens e volumes".

O resultado da maior empresa do país reforça o cenário de temporada de fundo de poço. O gráfico acima já dá uma ideia do que deve ocorrer com os balanços do segundo trimestre. Entre as empresas que já apresentaram as informações do período, a "queda padrão" nos lucros está ao redor de 40%. Há exceções para o bem, como a alta de 48% nos resultados da Vale, já esperada, e para o outro lado, como o tombo de quase 60% da CSN, fora de escala dos dois primeiros dias.

Segmento: Interesse

31/07/2020 | Cidade | Educação | 8

Ainda não há previsão sobre volta das aulas presenciais no RS

Entidades de 441 municípios participaram da consulta sobre retorno presencial das aulas.

A iniciativa do governo do Estado de reunir sugestões sobre a retomada das aulas recebeu a contribuição de entidades com atuação em 441 municípios gaúchos. Com participação majoritária da rede municipal de ensino, a consulta pública reuniu 759 respostas com

propostas para o melhor cenário de reinício das atividades presenciais, incluindo medidas de prevenção ao coronavírus e os desafios para implementar protocolos específicos. Pelo período de dez dias, entidades representativas, como secretarias municipais, conselhos, sindicatos e entidades sociais, puderam apontar os caminhos mais indicados para o retorno gradual do ensino.

As sugestões serão analisadas por um grupo de especialistas das pastas de Planejamento, Educação e Saúde. “Sabemos que o assunto da educação mobiliza muitas pessoas devido à preocupação com a vida das crianças e das famílias. Embora as crianças pertençam a um grupo de menor risco de letalidade, evidentemente são transmissoras do vírus. Não há uma solução fácil, então buscamos ouvir o máximo possível de entidades e de representantes do setor para chegarmos a uma solução coletiva e colaborativa para os próximos passos”, explicou o governador Eduardo Leite, ao apresentar os resultados durante transmissão ao vivo pelas redes sociais nesta quinta-feira, 30/7. Cenários Em um primeiro momento, a consulta apresentou quatro cenários fechados, dos quais o que recebeu mais votos foi o que estabelece a retomada do ensino presencial em cinco etapas. Os ensinos Médio e Técnico seriam os primeiros a retomar as atividades. Em seguida, os anos finais do Fundamental (do 6º ao 9º ano), os iniciais do Fundamental (do 1º ao 5º ano), o Superior e, por último, a Educação Infantil (creche e pré-escola). Essa proposta recebeu 679 votos (89,5%), de um universo de 759. “Foi majoritário o cenário B, que começa pelo retorno dos ensinos Médio e Técnico, mas no caso das redes assistenciais e organizações da sociedade civil, a gente percebe que há um grupo que vota pelo retorno da Educação Infantil, possivelmente porque são entidades mais ligadas a populações em maior situação de vulnerabilidade e há preocupação com as condições em que essas famílias estão vivendo”, ponderou o governador.

Em outro momento da pesquisa, pediu-se que as instituições montassem o cenário que, na visão de cada uma, era ideal para a retomada do ensino presencial. O retorno do Ensino Superior foi o mais votado para ser a primeira etapa, seguido dos ensinos Médio e Técnico, depois Fundamental (anos finais e após anos iniciais) e, por último, a retomada da Educação Infantil. A educação movimenta, no Rio Grande do Sul, mais de 2,5 milhões de pessoas, desde a pré-escola à pós-graduação. Esse contingente representa ao redor de 20% da sociedade gaúcha. A decisão a respeito da retomada do ensino presencial ainda não está tomada, segundo o governador. O Estado segue debatendo internamente a questão, com as equipes técnicas, prefeitos e entidades que representam a educação.

31/07/2020 | Correio do Povo | Ensino | 9

Consulta revela preferência para o retorno presencial

Levantamento feito pelo governo do Estado indicou que os estudantes de maior escolaridade devem dar início às aulas, de modo gradual

Os resultados da consulta realizada pelo governo do Estado, entre os dias 3 e 12/7, foram divulgados ontem pelo governador Eduardo Leite. Dos quatro cenários fechados (indicados) apresentados, quase 90% das entidades preferiram o retorno gradual das aulas presenciais no RS iniciando pelos ensinos Médio e Técnico; seguidos pelos anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano); os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano); o Ensino Superior; e, por último, a Educação Infantil (Creche e Pré-Escola). Já nos cenários específicos para o retorno, quando foi pedido que as instituições participantes montassem o cenário que, na visão de cada uma, era o ideal para a retomada do ensino presencial no RS, a ordem do recomeço letivo, nos diferentes níveis de ensino, teve como mais votado, para a primeira etapa, o Ensino Superior; seguido dos ensinos Médio e Técnico; os anos finais do Ensino Fundamental; os anos iniciais do Ensino Fundamental; e a Educação Infantil.

A consulta do Estado foi direcionada a 1.520 entidades ligadas à educação (como secretarias municipais, conselhos, sindicatos e entidades sociais) e teve a participação de 441 municípios. O governo obteve 759 respostas válidas, excluindo sugestões de entidades fora do escopo da consulta, com CNPJ inválido ou respostas duplicadas. O governador explicou que o objetivo da consulta foi “ouvir o máximo de entidades e representantes do setor, para chegarmos a uma solução coletiva e colaborativa para os próximos passos”. E argumentou se tratar de questão complexa, uma vez que a educação movimenta mais de 2,5 milhões de pessoas, da Pré-Escola à Pós-Graduação (cerca de 20% da sociedade gaúcha). Eduardo Leite salientou que as informações reunidas são muito importantes, mas que a decisão sobre o retorno às aulas ainda passará por “debates internos, com nossas equipes, com os municípios, com entidades maiores que representam a educação, porque envolvem contratações, compras de equipamentos, entre outros itens necessários para garantir o atendimento aos protocolos que também estão sendo organizados”. A pesquisa indicou que 88% das entidades votaram para o retorno das aulas em turno único; enquanto 12% preferem manter o turno integral para os estudantes da Educação Infantil e do Ensino Médio que frequentavam escolas com esta oferta.

O levantamento também buscou a opinião das entidades sobre transporte escolar, medidas de prevenção, Educação Especial e cumprimento das orientações de distanciamento. Segundo o governador, as sugestões foram catalogadas pela equipe que atua junto ao Comitê de Dados e serão analisadas por especialistas da Secretaria de Planejamento, com apoio das secretarias de Educação e Saúde.

31/07/2020 | Diário Gaúcho | A Vida da Gente | 8

Entidades opinam sobre volta às aulas

O governador Eduardo Leite apresentou, em live realizada na tarde de ontem, os resultados de uma consulta feita com entidades educacionais sobre a retomada do ensino presencial no Estado. A pesquisa teve participação de 924 entidades como conselhos, secretarias e sindicatos.

Em um dos momentos da pesquisa, as entidades poderiam apontar, livremente, quais segmentos da educação deveriam iniciar presencialmente antes. As respostas foram na direção de um recomeço com o Ensino Superior, seguido pelos ensinos Médio e Técnico, anos finais do Ensino Fundamental, anos iniciais do Ensino Fundamental e, por último, a Educação Infantil.

Como regra geral, os participantes entendem que o retorno deve ser gradativo, em apenas um turno, de forma a possibilitar adequação de escolas, famílias e educadores

31/07/2020 | Jornal de Gravataí | Geral | 6

Ensino à distância divide opiniões e revela fragilidades, aponta especialista

A especialista em educação infantil e terapeuta familiar Evelyn Stam, aponta os prós e contras do ensino à distância durante a pandemia da covid-19, que se tornou uma das principais questões familiares do momento

Estamos vivendo em época de pandemia. Muitas incertezas, muitas mudanças e uma situação que não tem data de término. Uma das mudanças mais comentadas e questionadas por pais e educadores durante a pandemia é o ensino à distância, que se tornou necessário quando muitos países decidiram fechar as escolas e fornecer ensino online, forçando pais a assumirem muitas vezes o papel de educadores, na tentativa de ajudar seus filhos a acompanharem as aulas neste novo formato.

A especialista em educação infantil e terapeuta familiar Evelyn Stam, aponta que existem vantagens e desvantagens na adoção da telescola ou ensino à distância, e que ambas precisam ser consideradas antes de um veredito final: “tivemos que nos adaptar a essa mudança quase que de um dia para o outro, quando a pandemia do novo coronavírus veio e surpreendeu a todos. Não estávamos totalmente preparados, sejam os pais ou os professores e até mesmo os próprios alunos, para nada do que viria a acontecer depois e, naturalmente, foram necessários alguns ajustes de última hora para encontrar soluções minimamente viáveis e impedir que nossos filhos perdessem um ano escolar. Mas nem tudo tem sido mal e há também benefícios na educação à distância, que tende a ser algo ao qual nós vamos ter de nos adaptar, já que deve ser uma tendência.”

Desvantagens

Evelyn Stam ressalta as principais desvantagens do ensino à distância:

Acesso à tecnologia

Nem toda família tem acesso à computadores de qualidade e internet estável. Famílias que não possuem um computador ou não dispõem de internet rápida simplesmente não têm como acompanhar as aulas online, fazer fotos de atividades realizadas ou enviar arquivos grandes.

Disponibilidade

Famílias que possuem um computador e internet de boa qualidade nem sempre estão preparadas para lidar com o ensino online. Famílias com mais de um filho nem sempre tem um computador para cada membro da família. Além disso, a mesma internet que era suficiente para atender a todos os moradores agora está sobrecarregada, com pais e filhos utilizando a conexão ao mesmo tempo para cumprir com suas cargas horárias de trabalho e estudo.

Uso das ferramentas de software

Nem todas as pessoas estão acostumadas a sistemas de reunião online, como Zoom, Google Classroom, Microsoft Teams, etc... Há pessoas que estão experimentando um enorme sentimento de sobrecarga, tendo que lidar não só com a pandemia, mas com o aprendizado de novas tecnologias.

Sobrecarga

Muitas pessoas estão experimentando um aumento significativo da carga de trabalho. Trabalhar de casa não significa trabalhar menos. Além disso, todos estão em casa o tempo todo então o tempo de limpeza da casa e a frequência na limpeza aumentam. Somado a isso há ainda a carga de tarefas dos filhos que precisam ser supervisionadas pelos pais. Pais estão se sentindo professores, profissionais, mães e pais, tudo ao mesmo tempo.

Professores também estão sobrecarregados e têm que aprender a lidar com novas tecnologias, criar materiais que funcionem para o ensino online, tudo isso enquanto lidam com os próprios filhos e com o aprendizado dos próprios filhos em casa.

Vantagens

Da mesma forma, a especialista aponta diversas vantagens que o ensino à distância pode trazer

Possibilidade de revisar o conteúdo

A aula online pode ser assistida quantas vezes o aluno precisar. O aluno pode pausar para fazer anotações, copiar diagramas da internet. O ensino se torna mais interativo e acessível para os alunos.

Estude no seu ritmo

O aluno pode estudar no seu próprio ritmo. Cada aluno prepara a suas tarefas na sua velocidade, sem a pressão de fazer as coisas na mesma velocidade e da mesma forma que os colegas.

Pais têm contato com o universo dos filhos

Agora sabemos exatamente o que os nossos filhos estão aprendendo na escola, o que eles gostam mais e o que têm mais dificuldade. Sabemos o quanto de tempo eles precisam para entender determinado conteúdo e entendemos melhor como a escola funciona.

As crianças estão aprendendo habilidades novas

Crianças aprendem rápido e se adaptam mais fácil que os adultos às novas tecnologias. As aulas online estão preparando os nossos filhos para o trabalho do futuro.

Estamos aprendendo novas formas de ensinar e aprender

Sim, tem sido desafiador. Contudo já estamos a ver os primeiros sinais de coisas que tem funcionado muito bem no ensino online. Estamos criando soluções para lidar com o deslocamento, condições climáticas e ausências por motivos médicos. A pandemia nos forçou a ser criativos, a pensar em novas soluções e melhores maneiras de aprendizado.

Veredicto

Evelyn pondera o panorama geral da educação à distância: “Como podemos ver, o ensino à distância tem vantagens e desvantagens. Nos demanda muito tempo, mas aprendemos muito com a experiência. O verdadeiro desafio é não deixar o nosso papel de pais para assumir o papel de professores. Somos e continuaremos a ser pais sempre. Essa é a nossa relação mais importante. Aconteça o que acontecer o ensino nunca deve ser o preço da nossa relação com os nossos filhos.”

31/07/2020 | O Informativo do Vale | Cidades | 4

Apresentada pesquisa sobre retorno das aulas

PORTO ALEGRE | De 3 a 12 de julho, o Governo do Estado disponibilizou uma pesquisa online para que prefeituras e entidades ligadas à educação pudessem opinar sobre o melhor cenário para a retomada das atividades educacionais. Ao todo, foram 759 respostas, de entidades com atuação em 441 municípios gaúchos. Além de opinar sobre qual faixa etária deve ter as aulas retomadas em primeiro lugar, a pesquisa também questionou sobre medidas de prevenção ao coronavírus e os desafios para implementar protocolos específicos. “Não há uma solução fácil, mas a gente sabe que o estudo remoto não substitui o presencial. Por isso, é importante que a gente busque uma forma segura de retomar e queremos uma solução colaborativa sobre isso”, salientou o governador, Eduardo Leite, durante transmissão nas redes sociais. A decisão a respeito da retomada do ensino presencial ainda não está tomada. O governo do Estado segue debatendo internamente a questão, com as equipes técnicas, prefeitos e entidades que representam a educação.

Segmento: Outras Universidades

31/07/2020 | Diário de Canoas | Comunidade | 9

Novidades no Feevale Techpark

Recentemente, quatro novos projetos ingressaram no parque tecnológico da Universidade Feevale. As propostas iFitpro, Eazy Receitas, Gestor 4.0 - Software de Gestão da Qualidade e G2KV foram selecionadas durante a segunda edição do Pitch Day on-line e ganharam o período de pré-incubação no Feevale Techpark. Ao todo, serão 12 semanas de imersão nas áreas de gestão, período em que as empresas irão alinhar a sua metodologia de trabalho.

31/07/2020 | Gazeta do Sul | Geral | 13

Festival Santa Cruz abre as inscrições amanhã

As inscrições para a terceira edição do Festival Santa Cruz de Cinema iniciam-se amanhã. Em função da pandemia, neste ano o evento será realizado de forma online, de 7 a 11 de dezembro. Os interessados em participar da competição têm prazo final de inscrição até o dia 1º de outubro. As obras selecionadas concorrem em 12 categorias. Além dos tradicionais troféus Tipuana, a novidade neste ano é a premiação em dinheiro para todas as categorias, totalizando R\$ 14 mil distribuídos aos vencedores. Mais informações estarão disponíveis a partir de amanhã no regulamento oficial, no site festivalsantacruzdecinema.com.br. Cineastas de todo o território nacional podem inscrever seus filmes de curta-metragem para a Mostra Competitiva do evento.

Os selecionados irão concorrer nas categorias de melhor filme, melhor filme gaúcho, melhor filme do júri popular, melhor direção, melhor direção de fotografia, melhor direção de arte, melhor atriz, melhor ator, melhor roteiro, melhor montagem, melhor trilha sonora e melhor desenho de som. O evento, que é uma realização do Sesc/RS, da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) e da Pé de Coelho Filmes, tem patrocínio da JTI e da Unimed dos Vales do Rio Pardo e Taquari. “Nesse momento tão desafiador para os setores culturais, é essencial seguir promovendo a produção do cinema no País e criar formas de acesso ao público. Por isso, decidimos manter o Festival e ampliar o incentivo com premiação em dinheiro também”, ressalta o professor da Unisc, Rudinei Kopp.

Call center do GAJ passa dos 500 atendimentos

Em meio a diversos problemas encontrados por muitas pessoas para obter os benefícios propostos pelo governo durante pandemia do coronavírus, o Gabinete de Assistência Judiciária da Unisc (GAJ) auxilia nas principais dúvidas da população, especialmente naquelas envolvendo atualização do aplicativo, ausência do nome no cadastro único e não preenchimento dos requisitos. O call center, implantado pela universidade para prestar atendimento jurídico gratuito, entrou em funcionamento no dia 14 de abril e já contabilizou 540 atendimentos.

A maioria das pessoas que procura o serviço é de Santa Cruz do Sul e região, porém também foram atendidas ligações de outras cidades do Rio Grande do Sul, inclusive de outros estados, como Alagoas, Bahia e Pará. O projeto ganhou maior visibilidade após divulgações em emissoras de rádios locais e também pela reportagem apresentada em rede nacional pela TV Novo Tempo. Os atendimentos esclarecem dúvidas sobre os benefícios auxílio emergencial (destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados); abono salarial - PIS (assegura um salário mínimo anual aos trabalhadores que recebem em média até dois salários mínimos de remuneração mensal de empregadores que contribuem para o PIS ou para o Pasep; e antecipação auxílio-doença (o INSS pode antecipar um salário mínimo mensal, de R\$ 1.045,00, aos requerentes de auxílio-doença que estiverem na fila do benefício mediante apresentação de atestado médico).

Conforme os professores responsáveis pelo projeto, Elia Hammes e Vinícius Laner, desde julho, além das informações via telefone, pessoas de Santa Cruz do Sul que tiveram o benefício negado começaram a ser atendidas presencialmente no GAJ, face a um convênio firmado com a Justiça Federal. “Já foram distribuídas mais de dez ações no Juizado Especial Federal buscando a efetivação de direitos aos benefícios emergenciais que foram negados administrativamente”, explicou Laner.

O horário de funcionamento é das 9 horas às 12 horas e das 13h30 às 16h30, pelo telefone (51) 3717 7444. Prestam atendimento as advogadas supervisoras de estágio Fernanda Barreto, Márcia Moreira e Ramônia Schmidt, com apoio das acadêmicas de Direito Tainá Jost e Camila Nemecek. Completam a equipe Karina Costa e Bruna Vendruscolo, com orientação do professor Vinícius Laner.

Grupo Sinos lança projeto para contribuir na educação

Iniciativa multiplataforma busca valorizar a educação, unir gestores, educadores, alunos e famílias para trocarem experiências e buscarem juntos o caminho para superar os obstáculos trazidos pela pandemia

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.” Este famoso pensamento exprime a realidade da educação em tempos de pandemia, que precisou ser ressignificada. E, no intuito de fortalecer a educação neste novo cenário, o Grupo Sinos promove a campanha Ser Educação, com conteúdo multiplataforma. A iniciativa incluirá vídeos com depoimentos sobre a experiência da educação remota, matérias e podcasts, espaço com material de aperfeiçoamento de professores e boas práticas educacionais. O Ser Educação também contará com veiculação de dicas na Rádio 103,3 FM, painéis de debates transmitidos pelos sites e redes do Grupo Sinos e matérias sobre o tema nos jornais impressos e versão digital.

“O Ser Educação já traz no nome dele a assertiva de que todos somos educação, porque somos impactados, de alguma maneira, no decorrer da nossa vida”, destaca a diretora-executiva do Grupo Sinos Andrea Schneider.

Interatividade Você pode enviar vídeos contando sua experiência com a educação de forma remota, em tempos de pandemia, pelo WhatsApp (51) 3553-2010.

O vídeo deve ter, no máximo, 60 segundos e 16mb. Eles estarão disponíveis no hotsite www.gruposinos.com.br/sereducacao.

As histórias mais inusitadas serão contadas nos jornais do Grupo.

O Projeto Ser Educação tem patrocínio master do Instituto Ivoti e Sicedi, patrocínio do Colégio Espírito Santo e apoios das

universidades Feevale e Faccat.

Formação continuada para educadores Todas as instituições envolvidas no projeto poderão enviar material de treinamento para formação de professores e boas práticas por meio do e-mail [sereducacao@ gruposinos.com.br](mailto:sereducacao@gruposinos.com.br). Tudo estará inserido e ficará disponível para download no hot site.

“Sem conhecimento não há horizonte”

O presidente da Sicredi Pioneira, Tiago Luiz Schmidt, acredita em uma mudança pós-pandemia.

“Quantos pais que, infelizmente, tinham consciência, mas não tinham atitude de participar mais ativamente das atividades dos filhos e agora estão tendo que mudar essa realidade. Acredito que isso vai permanecer. É preciso essa convergência em torno das responsabilidades de cada um”.

Compartilhando

Para o diretor do Instituto Ivoti, Everton Augustin, a educação não tem um momento, mas precisa perpassar todas as situações, inclusive de crise.

“A presença física é, sem dúvidas, importante no processo educativo, mas acredito que, quando voltarmos às aulas presenciais, a tecnologia estará mais presente no nosso dia a dia. A gente vai racionalizar determinados movimentos.”

Momento de aprendizado

O reitor da Faccat - Faculdades Integradas de Taquara, Delmar Backes, destaca que o Grupo Sinos há tempos faz movimentos importantes para valorizar a educação.

“É um momento de crise, mas precisamos enfrentar essa realidade e temos dito isso para nossos alunos. É fundamental destacar a importância do professor. Temos incentivado para que interajam com os alunos de forma a minimizar a distância.”

Aprimorar o acesso ao conhecimento

O reitor da Universidade Feevale, Cleber Prodanov, destaca que o mundo vive uma experiência nunca antes vista, com reflexo em todas as áreas, sejam elas econômicas, de saúde ou educacionais.

“É um momento onde a gente deve aproveitar e pisar no acelerador da história e incrementar as mudanças que precisamos fazer em termos de educação. Vivemos em um mundo onde estamos conectados e devemos aproveitar essas novas tecnologias para aprimorar o acesso ao conhecimento. Essa é a oportunidade da educação colocar os dois pés no século 21.”

Oportunidade para troca de experiências

A diretora do Colégio Espírito Santo, de Canoas, Irmã Maria Sônia Muller, enaltece a importância de partilhar as vivências e também conhecer as experiências de outras escolas.

“Estamos vivendo um tempo de excepcionalidade na educação, que exigiu das escolas uma mudança muito grande. Os professores tiveram que se reinventar, embora tivéssemos uma certa experiência do ensino remoto”, pontua.

31/07/2020 | Jornal de Gramado | Geral | 15

Novidades no Feevale Techpark

Recentemente, quatro novos projetos ingressaram no parque tecnológico da Universidade Feevale. As propostas iFitpro, Eazy Receitas, Gestor . - Software de Gestão da Qualidade e G KV foram selecionadas durante a segunda edição do Pitch Day on-line e ganharam o período de pré-incubação no Feevale Techpark. Ao todo, serão semanas de imersão nas áreas de gestão, período em que as empresas irão alinhar a sua metodologia de trabalho.

Saúde monitorada

Já pensou em utilizar uma plataforma que auxilia no monitoramento da saúde dos colaboradores de uma empresa? Pois bem, ela existe e foi desenvolvida por uma start-up da região. Incubada no Parque Tecnológico São Leopoldo (Tecnosinos) desde o ano passado, a Usphera XR desenvolveu a ferramenta checkCOVID.me. A ideia da ferramenta surgiu em março, durante um hackathon on-line em que a Usphera XR foi uma das finalistas, comenta a CEO Andréia Martins. Na plataforma, o gestor tem acesso a um painel, onde estão consolidadas as informações dos colaboradores, que são voluntariamente autodeclaradas e sistematizadas. O colaborador é cadastrado e diariamente indica se tem algum sintoma.

Novidades no Feevale Techpark

Recentemente, quatro novos projetos ingressaram no parque tecnológico da Universidade Feevale. As propostas iFitpro, Eazy Receitas, Gestor 4.0 - Software de Gestão da Qualidade e G2KV foram selecionadas durante a segunda edição do Pitch Day on-line e ganharam o período de pré-incubação no Feevale Techpark. Ao todo, serão 12 semanas de imersão nas áreas de gestão, período em que as empresas irão alinhar a sua metodologia de trabalho.

Nada será como antes...

Para a diretora do Tecnosinos, Susana Kakuta (foto), a conhecida frase “nada será como antes” já é absolutamente verdadeira. Efeito da pandemia. “E, para fazer diferente, é preciso inovar, ser e fazer diferente”, afirma.

Região fecha 1º semestre com saldo negativo de empregos

Dados do Caged seguem o apontado no 1º quadrimestre, em clara influência dos efeitos da pandemia, com municípios registrando mais desligamentos que admissões no total de empregos formais de janeiro a junho deste ano

Como esperado por especialistas, representantes de entidades e dos governantes, a região fechou o 1º semestre de 2020 com saldo negativo no número de postos de trabalho. De janeiro a junho deste ano, São Leopoldo (que em 2019 foi destaque na geração de empregos no Estado) contabilizou, no total, perda de 1.845 vagas. Em junho, porém, o saldo negativo foi o menor entre os registrados este ano na cidade, com 113 vagas a menos, o que pode evidenciar alguma estabilidade nos índices.

Os dados foram trazidos em novo levantamento do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgado pelo Ministério da Economia, esta semana. Por ele, é possível visualizar que, na região de circulação do Jornal VS – que abrange São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Esteio, Portão e Capela de Santana –, o saldo de postos de trabalho também restou negativo no semestre: menos 3.268 vagas de trabalho. Pode piorar Na avaliação do economista e professor da Unisinos, Marcos Lélis, a tendência é que os números negativos piorem ainda mais, visto que somente os dados de empregos formais são mensurados. “Esse número é apenas parte do problema. Não temos os dados de empregos informais desse período, mas sabemos que o impacto é maior”, coloca.

Outros três pontos podem tornar o saldo ainda pior até o fim do ano, na visão de Lélis: o fim do auxílio emergencial; o término da possibilidade de redução de carga horária de trabalho e; o fato de o governo já ter liberado o 13º para aposentados este ano, ou seja, não haverá o incremento desse recurso na economia em dezembro, como normalmente. “Provavelmente até o fim do ano, não veremos números positivos”, concluiu o economista. Estabilidade Seguindo os números, o chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Turístico e Tecnológico (Sedettec) de São Leopoldo, Thiago Gomes, ponderou que em junho já houve maior estabilidade no saldo em relação a outros meses que registraram grandes perdas e reconheceu que esperava os dados, pelas consequências das restrições à pandemia de coronavírus.

“Os números assustam, mas era esperado, porque essa não é uma crise municipal e, sim, global”, argumentou, lembrando que, comparado a municípios de porte semelhante, São Leopoldo gerou o menor saldo negativo. Para Gomes, os números também não devem melhorar ainda este ano, mas seguirão o mesmo patamar. “Acredito na estabilidade, mas é difícil falar em retomada. Enquanto não resolver a crise da saúde, não tem como resolver a economia.

Estoques totais de emprego

Lélis destacou ainda que é necessário observar os estoques totais de emprego para ver o quanto foi perdido em cada município em 2020. Pelos dados, São Leopoldo, por exemplo, perdeu 3,5% do emprego formal no primeiro semestre, número semelhante a outras cidades menores da região, como Esteio e Sapucaia do Sul. Já no comparativo com municípios de porte maior, como Canoas (-4,1%) e a vizinha Novo Hamburgo (que com -9,1% teve uma queda bastante acentuada), o resultado leopoldense se mostra bem melhor.

31/07/2020 | Jornal VS | Tech & Inovação | 6

Saúde monitorada

Já pensou em utilizar uma plataforma que auxilia no monitoramento da saúde dos colaboradores de uma empresa? Pois bem, ela existe e foi desenvolvida por uma start-up da região. Incubada no Parque Tecnológico São Leopoldo (Tecnosinos) desde o ano passado, a Usphera XR desenvolveu a ferramenta checkCOVID.me. A ideia da ferramenta surgiu em março, durante um hackathon on-line em que a Usphera XR foi uma das finalistas, comenta a CEO Andréia Martins. Na plataforma, o gestor tem acesso a um painel, onde estão consolidadas as informações dos colaboradores, que são voluntariamente autodeclaradas e sistematizadas. O colaborador é cadastrado e diariamente indica se tem algum sintoma.

31/07/2020 | Jornal VS | Tech & Inovação | 6

Novidades no Feevale Techpark

Recentemente, quatro novos projetos ingressaram no parque tecnológico da Universidade Feevale. As propostas iFitpro, Eazy Receitas, Gestor 4.0 - Software de Gestão da Qualidade e G2KV foram selecionadas durante a segunda edição do Pitch Day on-line e ganharam o período de pré-incubação no Feevale Techpark. Ao todo, serão 12 semanas de imersão nas áreas de gestão, período em que as empresas irão alinhar a sua metodologia de trabalho.

31/07/2020 | Jornal VS | Tech & Inovação | 6

Nada será como antes...

Para a diretora do Tecnosinos, Susana Kakuta (foto), a conhecida frase “nada será como antes” já é absolutamente verdadeira. Efeito da pandemia. “E, para fazer diferente, é preciso inovar, ser e fazer diferente”, afirma.

31/07/2020 | Jornal VS | Especial | 12

Propostas para impulsionar a economia no pós-Covid

Série de painéis Negócios Locais foi realizada durante a semana, com sugestões para superar a crise gerada pela pandemia. Apoio ao comércio regional, uso de tecnologias e colaboração da comunidade foram pontuados

Especialistas, entidades e prefeituras apresentaram ideias em torno da perspectiva de retomada econômica. A série de painéis Negócios Locais trouxe convidados que debateram o assunto desde a última terça-feira, com o encontro final realizado ontem. Cada um sob o seu ponto de vista, pesquisadores, dirigentes de associações comerciais e autoridades públicas trouxeram possibilidades para que os municípios consigam sair da crise. A programação foi transmitida ao vivo, com mediação do jornalista João Carlos

Ávila, por meio das páginas no Facebook da Rádio ABC 103.3 FM e dos jornais NH, VS, DC, Jornal de Gramado, Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha.

Comércio local

Entre os principais tópicos esteve o fortalecimento do comércio local como forma de buscar uma economia circular. Projetos de auxílio a pequenos empreendedores, o uso das tecnologias, cooperativismo, e a conscientização da população tanto em relação aos cuidados com a saúde, como em dar preferência aos negócios que estão mais próximos, foram alguns dos tópicos levantados.

A promoção do Grupo Sinos ocorreu por meio da Rádio ABC 103.3 FM e do Jornal NH. Apoio de Sicredi Pioneira, Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha (ACI-NH/CB/EV), Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Novo Hamburgo, Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Esteio (Acise), CDL de Esteio e CDL de Estância Velha, Ivoti, Presidente Lucena, Lindolfo Collor e São José do Hortêncio.

PAINÉIS

No primeiro dia, o tema “Economia consciente, capitalismo e novas formas de empreender e trabalhar” foi trazido pelo economista e professor da Universidade Feevale José Antonio Ribeiro de Moura e pelo empreendedor e autor de livros Thomas Eckschmidt.

A conversa abordou o círculo virtuoso de compras locais, tecnologia e cooperativismo. O segundo encontro iniciou com a participação do presidente da CDL-NH, Jorge Stoffel, e do diretor executivo da Sicredi Pioneira, Solon Stapassola Stahl. Stahl e Stoffel falaram sobre crédito, orientações trabalhistas e tributárias, parcerias e consultorias. A campanha de consumo local, para preservar empregos, empresas e vidas, também foi lembrada. Ainda no segundo dia, o presidente da CDL de Estância Velha, Ivoti, Presidente Lucena, Lindolfo Collor e São José do Hortêncio, Fábio Ludke, e o presidente da ACI-NH/CB/EV, Marcelo Kehl, debateram o tema “Como as entidades podem ajudar a fomentar os comércios locais”.

A campanha “Crise passa, a força fica” e a atenção aos associados foram pontuadas. O segundo dia do painel foi encerrado com a presença do presidente da Acise de Esteio, Paulo Matielo, e presidente da CDL de Esteio, Renato Schmidt. Matielo abordou o associativismo, em que as empresas acabam agregando umas às outras. Schmidt frisou que a CDL busca divulgar a cultura em que o consumidor de Esteio compre nas lojas da cidade. Representando Novo Hamburgo, a prefeita, Fatima Daudt, e a secretária de Desenvolvimento Econômico, Paraskevi Bessa-Rodrigues, iniciaram o terceiro dia do painel Negócios Locais.

Ambas falaram de ações como o programa Pacto pelo Futuro, a chegada de novas empresas, auxílio aos empreendedores e pediram colaboração da comunidade. O tema “Como as prefeituras podem contribuir para preservar a saúde, os empregos e os negócios” ainda foi abordado sob o viés de Sapiranga, com a secretária da Fazenda, Simone Melo, e o coordenador da Atenção Primária, Leandro Batista Costa. Os representantes lembraram que, sem a participação da população, as ações da prefeitura não serão suficientes.

31/07/2020 | O Timoneiro | Geral | 5

Pesquisa busca presença de coronavírus em esgoto de Canoas

Uma pesquisa recente, realizada pela Universidade Feevale, em parceria com o governo do Estado, coletou 30 amostras no esgoto da capital gaúcha e na cidade de Novo Hamburgo, e detectou a presença do novo coronavírus em seis delas. Coordenadora do projeto, a professora de mestrado em Virologia da Feevale, Caroline Rigotto explicou que estes resultados significam que os pacientes que são positivos para a Covid-19, sintomáticos ou não, eliminam o vírus nas fezes. Mas, em relação à água que chega às torneiras das residências pelo encanamento, não há risco.

Estudo em Canoas De acordo com a coordenação da pesquisa, ela deve seguir no Rio dos Sinos, em Novo Hamburgo e São Leopoldo, e também em alguns pontos de Canoas. "Pensamos, mais para frente, incluir monitoramento até em afluentes de frigoríficos. A gente sabe que tem sido um grande problema aí", aponta a pesquisadora. Outro avanço importante da pesquisa é des cobrir se pessoas que têm contato com a água contaminada pelo coronavírus podem acabar infectadas. Amostras já foram

encaminhadas para a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, e o resultado deve sair nas próximas semanas.

31/07/2020 | O Timoneiro | Opinião | 11

Corona, um vírus democrático?

Marina Lima Leal, professora

No início da pandemia, era comum ouvirmos pessoas dizerem que o Coronavírus era democrático, porque atingiu a todos os países, ricos e pobres e a todos os habitantes do planeta, independentemente de suas condições sociais. Na verdade, o Coronavírus atinge realmente a todos e todas, mas mudam as condições de sobrevivência. As grandes vítimas são desempregados, trabalhadores informais, moradores de periferia, pessoas em situação de rua, indígenas e negros, que são os mais afetados pela imensa desigualdade social, que caracteriza nosso país e que foi escancarada com a Pandemia.

Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) mostra que a taxa de mortalidade em zonas de altíssima concentração de favelas no Rio de Janeiro é o dobro (19,5%) na comparação com bairros ricos da cidade (9,2%). A disparidade no acesso a direitos básicos, como a água e o saneamento, deixam os mais pobres vulneráveis, reflete a socióloga Suelen Aires Gonçalves, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O cumprimento das regras de higiene sanitárias, recomendada por especialistas, esbarra na falta de condições básicas para uma grande parte da população, que não conta sequer com água encanada nas pequenas residências, que acomodam famílias de 6 a 8 pessoas.

Muitas não possuem nem banheiro dentro da própria casa, precisando utilizar o banheiro de vizinhos. Felizmente, existe solidariedade entre os pobres. Diferente é a situação de quem pode ficar em isolamento em sua casa, pedir comida pelo aplicativo e trabalhar pela internet. Quem sai do isolamento para procurar trabalho é o pobre que ficou desempregado. Porém, muitos que não precisam, por ignorância ou irresponsabilidade, saem de casa, sem máscaras e sem nenhum cuidado, andam pelas ruas, a espalhar o vírus. Além dos profissionais da saúde, que deixam suas famílias e vão atuar na linha de frente para salvar a vida dos outros, quem atua nos trabalhos ditos essenciais, são os pobres, que vivem nas periferias e têm que se aglomerar no transporte coletivo e, se forem infectados, não poderão ficar em isolamento em suas casas. Para esses brasileiros que dependem de doações de voluntários e sofrem a ausência do Estado, o Coronavírus é colocado no final de suas preocupações.

Antes do vírus, é preciso alimentar as crianças, secar o colchão e os pequenos pertences molhados pela chuva e encontrar sustento. Há poucos dias tivemos as cheias em muitos municípios do Rio Grande e pudemos ver de perto a triste situação de quem perdeu tudo e ainda teve que sair de casa, com todos os perigos de contágio pelo vírus. No caderno DOC da ZH deste final de semana, o jornalista Marcel Hartman e o fotógrafo Marco Favero publicaram uma matéria com o título: “Onde o Vírus é mais Cruel”, em que relatam entrevistas que fizeram com moradores do Morro Santana, em Porto Alegre. Comovente o que viram, ouviram e relataram, demonstrando como as condições de vida influenciam na disseminação do vírus.

Ligia Vizeu Barroso, pesquisadora do departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do grupo de estudos Espaço Urbano e Saúde, do Instituto de Estudos Avançados, também da USP, afirma que: “quanto maior o percentual de pobreza de um município, maior o risco relativo de mortalidade pela Covid-19”. Esperamos, que pelo menos, a pandemia sirva para mostrar o abismo da desigualdade social no nosso país e colabore para que se possa construir um país mais igual.